

A FRAGILIDADE DA COMUNICAÇÃO SOCIAL - JORNALISMO E A CONSTITUIÇÃO E CRISE DAS CIÊNCIAS HUMANAS

Tatiana Carilly Oliveira Andrade¹
Ronaldo Rosa dos Santos Junior²

RESUMO

Este artigo tem por objetivo discutir acerca da hipótese de que a fragilidade do campo da Comunicação Social-Jornalismo ao ponto de o seu saber acadêmico ter sido colocado em xeque pelo Supremo Tribunal Federal pode ter suas raízes na constituição e crise das Ciências Humanas. Para iluminar essa discussão foram essenciais autores como Gaston Bachelard, Michel Foucault, Maurice Merleau Ponty, Alexandre Koyrè e José Ternes.

Palavras-Chave: Fragilidade, Jornalismo, Ciências Humanas

THE FRAGILITY OF SOCIAL COMMUNICATION - JOURNALISM AND THE CONSTITUTION AND CRISIS OF THE HUMAN SCIENCES

ABSTRACT

This article aims to discuss about the hypothesis that the weakness of the field-Media Journalism at the point of their academic knowledge has been put into question by the Supreme Court may have its roots in the constitution crisis and the Humanities. To illuminate this discussion were key authors such as Gaston Bachelard, Michel Foucault, Maurice Merleau Ponty, Alexandre Koyré and José Ternes.

Keywords: Fragility, Journalism, Humanities.

¹ Pós-doutorado pela Faculdade de Informação e Comunicação da Universidade Federal de Goiás (FIC-UFG), Pró-Reitora Pedagógica do Centro Universitário Araguaia (Uniaraguaia). E-mail: tatianacarilly@gmail.com

² Doutor em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás, coordenador de pesquisa e extensão do Centro Universitário Araguaia (Uniaraguaia). E-mail: ronaldorsjunior@gmail.com

Em 2009 o Supremo Tribunal Federal (STF) suspendeu a obrigatoriedade do diploma de jornalismo para o exercício da profissão. Na seção que julgava o assunto, as profissões de jornalismo e a de cozinheiro foram comparadas na tentativa de demonstrar que ambas apresentavam características semelhantes ao ponto de deduzir que a não exigência do diploma para o cozinheiro exercer sua profissão poderia ser pensada também para o profissional do jornalismo. Acerca dessa comparação, três anos antes dessa decisão, o autor Roberto Seabra Duarte (2006), fez de forma didática e pedagógica uma analogia entre a prática de cozinhar e a jornalística. Porém, ao contrário do STF, sem realizar recortes que pudessem favorecer interesses, ele considerou não só as semelhanças, mas também, a existência de diferenças entre as duas profissões:

A começar pela matéria prima. O cozinheiro lida com produtos estáveis (vegetais, temperos, carnes), enquanto o jornalista lida com produtos instáveis. Nenhum acontecimento é igual ao outro, o que faz que o trabalho do profissional de imprensa não seja o de apenas “misturar ingredientes”, mas de pensá-los e ponderar sobre a importância de cada um deles, publicando o que considerar importante e ou interessante para o público do veículo no qual trabalha. O problema é que nem sempre o que sai na imprensa é o mais importante, do ponto de vista do interesse público. Muitas vezes, o interessante, mesmo que desimportante, merece mais espaço do que o importante, taxado de desinteressante (DUARTE, 2006, p.107).

Em agosto deste ano de 2012, o senado aprovou a Proposta de Emenda à Constituição, Nº 33 de 2009, também conhecida como PEC dos Jornalistas, que torna obrigatória a obtenção do diploma no curso superior específico de jornalismo para o exercício da profissão. No entanto, o desfecho dessa história ainda está por vir, já que a proposta também deve ser votada na Câmara dos Deputados.

Essa questão de exigência ou não do diploma de jornalismo apresenta explicitamente um viés político-econômico em que de um lado encontram-se representantes do poder público, jornalistas práticos e grandes empresas de comunicação, e de outro os jornalistas graduados em Comunicação Social - habilitados em jornalismo - e o meio acadêmico que se dedica a sua formação. Porém, esse artigo não abordará o assunto por esse prisma. Mas, sim, partindo das considerações apresentadas pretende-se então discutir o que torna o campo do saber do jornalismo tão frágil ao ponto de ser questionada a validade de uma formação específica para o seu exercício.

O que sabe o Comunicador Social habilitado em jornalismo? Assim como parece, na atualidade, contrasenso um jornalista atuar em qualquer outra ciência que não se ocupe da comunicação social, como por exemplo, em pedagogia, psicologia, biologia, sociologia, matemática, advocacia, não estaria também na contramão da educação moderna, um pedagogo, psicólogo, biólogo, matemático, advogado atuarem como comunicadores sociais habilitados em jornalismo? Que saberes seriam esses das Ciências Humanas – e em específico o da Comunicação Social – Jornalismo - que parecem tão desprovidos de bases próprias e de autonomia?

Partindo da observação acerca da constituição das Ciências atuais e, em especial, das Ciências Humanas parece haver uma predisposição aos estudos específicos referentes a cada área do saber e também às especializações. Na modernidade³, não há mais uma unidade, um projeto único da razão e o que se percebe é que as mais diversas experiências se colocam como saberes. O filósofo Michel Foucault em *O Nascimento da Clínica*

³ Nesse trabalho tomarei “modernidade” como sinônimo de “atualidade” principalmente no que diz respeito à época posterior à Idade Clássica ou cartesianismo (Século XVII) até os dias de hoje.

(1994) revela acerca da medicina, por exemplo, que a condição de possibilidade de pensamento passou em determinada época da estrutura visível para a invisível. O corpo como objeto do saber passa a ser possível. A partir daí a doença é vista como um acontecimento, um fenômeno da vida. Há uma mudança radical no conhecimento da doença e do doente. Há então novos objetos a serem pensados.

Foucault (1978) mostra ainda em *A história da loucura* como o pensamento acerca da loucura muda ao ponto de a partir do século XIX ser possível pensá-la como um distúrbio da razão. Enquanto na Idade Clássica loucura e razão se excluía de tal forma que se podia pensar em perda da razão, na Idade moderna o doente mental como objeto possibilita pensar a loucura como uma doença da razão e que por isso, conseqüentemente, pode ser recuperada. Nessa perspectiva, a ideia de desvio da razão na modernidade muda totalmente o olhar sobre a loucura.

Em “As palavras e as coisas” (1999), o autor apresenta as diferenças entre a epistémica⁴ clássica e a moderna revelando a mudança de natureza do pensamento o que, talvez, explicaria essa sensação de crise da ciência com a qual o homem moderno se depara. Acerca disso, o professor e doutor em Filosofia José Ternes (2007), baseado no pensamento de G. Bachelard aponta para um esgotamento da razão, o envelhecimento dos pensamentos e o nascimento de novos saberes. Essa crise, segundo Maurice Merleau-Ponty (1973, p. 15), é considerada o “problema do século: problema que se punha desde 1900 para todo o mundo e que ainda hoje é colocado” .

Levando em conta que o jornalismo é uma habilitação da Comunicação Social que se insere na área das Ciências Humanas, parto da hipótese de que essa fragilidade pode estar ligada à própria constituição das Ciências na atualidade, de como se configura o saber ou o pensamento na modernidade. Assim, não seria somente a validade do diploma específico de jornalismo para o exercício de suas funções que estaria em xeque. Isso se estenderia para qualquer outra Ciência moderna, dentre elas a pedagogia, a psicologia, a sociologia, história, biologia, medicina. Partindo então da hipótese de que a crise das Ciências Humanas se estenda a todas as suas áreas e subáreas ao ponto não só de questionar se determinados saberes são ou não ciência, mas também de se colocar questões como: o que de fato sabem a Psicologia, a Pedagogia, a Comunicação Social, enfim as Ciências Humanas na atualidade? O que sabe o Comunicador Social habilitado em Jornalismo? Teria um saber próprio a Comunicação Social e sua habilitação em Jornalismo? Quais as condições de possibilidade dessa Ciência Social Aplicada? Qual seria de fato o seu solo? Enfim, são questões a serem investigadas, mas que revelam, antes de tudo, o quanto as Ciências modernas e aqui se inclui o campo da Comunicação Social- Jornalismo está carente de uma epistémica própria.

No artigo *Foucault e o Nascimento das Ciências Humanas*, Ternes (2004), mostra por meio das obras de Foucault que a ciência ou o pensamento seria uma ficção, uma invenção que ao contrário do que muitos acreditam não retrataria o mundo, e sim o criaria. Como todas as Ciências, as Ciências Humanas – na qual se inclui o campo da Comunicação Social- Jornalismo - não são diferentes. Contudo, é importante ressaltar que as Ciências Humanas só foram, realmente, possíveis, a partir da invenção do homem que se deu na “virada para o século XIX” (2004, p.191). Isso quer dizer que o homem como

⁴ Foucault (1999) faz uma análise epistêmica em *As palavras e as coisas*, o que para o professor e doutor em filosofia José Ternes trataria de “uma realidade que é necessidade de..., condições de possibilidade de todos os saberes de uma época; além disso, é um saber obscuro, cuja ordem cabe à arqueologia explicitar. E é justamente por ser ordem, por não ser um jogo do acaso, que esse saber merece o nome de *epistémica*”. (TERNES, 2009, p.44).

objeto de estudo de uma ciência é algo extremamente recente. Tudo indica que, também, esteja aí um dos motivos de sua crise, de sua fragilidade. Por se tratar de um pensamento novo, as Ciências atuais, inclusive as Ciências Humanas, a Comunicação Social-Jornalismo encontram-se em construção. E é justamente acerca desse constructo que Merleau-Ponty (1973) aponta para a dificuldade que as Ciências Humanas tem em realizar um estudo acerca do objeto homem sem fazer relação com aspectos externos a ele. Sobre essa ideia, o autor afirma:

Tanto as ciências do homem (Psicologia, Sociologia, História), quanto a Filosofia, encontravam-se numa situação de crise. À medida que se desenvolviam as pesquisas psicológicas, sociológicas, históricas, tendiam a nos apresentar todo pensamento, toda opinião e, em particular, toda filosofia como resultado da ação combinada das condições psicológicas, sociais, históricas exteriores. A Psicologia tendia para o que Husserl denomina psicologismo, a Sociologia para o sociologismo, a História para o historicismo. Ora com isto elas acabavam por erradicar seus próprios fundamentos (MERLEAU-PONTY, 1973, p. 16).

Dentro dessa perspectiva, os estudos da Comunicação Social e em específico o Jornalismo repetiriam o mesmo problema de sua grande área⁵ apontado por Merleau-Ponty acerca das Ciências Humanas no início do século XIX. Suas investigações também tendem a levar em conta a relação do homem somente com aspectos exteriores, o que impediria a construção de seu próprio saber. No caso da Comunicação Social, os estudos atuais estariam muito voltados à relação entre o homem e tecnologia e muitas vezes a máquina determinando os caminhos da humanidade. A discussão acerca da tecnologia é ampla e não deixa de ser interessante, porém pensar o comunicador social, verificar além de sua estrutura visível⁶, de sua relação com qualquer outra coisa, encontrar de fato o homem - comunicador social - e o seu saber seria talvez uma tarefa que está abandonada pelo próprio campo da Comunicação Social que se insere na área das Ciências Humanas. Ao priorizar os aspectos externos ao homem, os estudos nessa área estariam deixando de criar elementos internos próprios e específicos desse saber que hoje se encontra a mercê de várias contestações e contrasensos. Acerca disso, o filósofo e poeta Gaston Bachelard (1972) chama a atenção para a existência de uma interioridade do pensamento ou do saber que pode, segundo ele, conduzir aos obstáculos epistemológicos, que possibilitariam a descoberta de estagnações de determinados saberes.

Se de um lado os estudos epistemológicos de Bachelard (1972) constatarem a necessidade de avanço acerca do pensamento das Ciências Humanas, na qual incluo a Comunicação Social – Jornalismo, de outro Foucault (1999) ilumina a discussão sobre a fragilidade ou crise das Ciências Humanas por meio de um estudo arqueológico realizado na obra *As palavras e as coisas*. Nela o autor nos conduz a uma fascinante discussão

⁵ Utilizo o termo “grande área” para me remeter às Ciências Humanas na qual reside as Ciências Sociais aplicadas em que se insere saberes como o Direito, a Economia, a Pedagogia e também o campo da Comunicação Social e suas habilitações: Jornalismo, Publicidade e Propaganda, Relações Públicas.

⁶ O filósofo Michel Foucault revela na obra *O Nascimento da Clínica* (1994) que o saber da medicina passou a ter um novo objeto que ia além da estrutura visível a partir da condição de possibilidade sem impedimentos culturais, técnicos ou religiosos em abrir os cadáveres a fim de que fossem observadas as estruturas até então invisíveis. Em analogia a essa ideia, e baseada na discussão do filósofo Gaston Bachelard em *A formação do espírito científico*, tudo indica que a interioridade ou a essência da Comunicação Social – Jornalismo seja algo a ser ainda descoberto.

acerca do surgimento das Ciências Humanas apresentando-as não como uma evolução das Ciências inventadas⁷ anteriormente a elas, mas num espaço próprio em que a partir de então se tornou possível, antes de tudo, pensar o homem. Então, quer dizer que as outras Ciências não pensavam o homem? Para Foucault não, e ele demonstra isso ao apresentar a ruptura entre as configurações do saber clássico e moderno a partir do século XIX com o nascimento do homem.⁸ Vale destacar que para esse autor o homem como objeto científico só foi possível com o esfacelamento do cartesianismo e as Ciências Humanas foram construídas no interior dessas condições. A modernidade seria então o seu solo. Partindo dessa ideia, quando foi possível pensar o homem como comunicador social - jornalista? O solo do saber jornalístico não estaria sendo confundido com o solo das tecnologias? A resposta a essas questões requer uma investigação aprofundada e como bem alerta Foucault (1999), Bachelard (1972), Merleau-Ponty (1973) a tarefa de construir a essência dos saberes modernos pode estar de certa forma abandonada.

Como dito anteriormente, Foucault (1999) ao tratar das Ciências Humanas se afastou do estudo epistemológico e realizou um estudo arqueológico baseado principalmente em obras empíricas. Enquanto o primeiro tem como objeto a ciência, o segundo tem como objeto o saber. É nessa perspectiva que a arqueologia procura definir a verdade de uma época levando em conta o interior do próprio pensamento ou saber, estabelecendo as condições de possibilidades desses saberes. Nessa abordagem a verdade científica é construída levando em conta as exigências internas, não sendo então resultado de fatores exteriores como condições socioeconômicas, religião, figuras místicas, Deus. Acerca disso, Ternes (2004) acrescenta que,

A arqueologia, convém lembrar, distancia-se radicalmente das *histórias* que conhecemos na cultura ocidental. Não se ocupa com fatos. Também não se identifica com as *histórias das ideias*, características do pensamento francês deste século. A arqueologia do Saber descreve epistemes (TERNES, 2004, p. 196).

Seguindo esse método, na obra *As palavras e as Coisas* Foucault (1999) elege três ciências para analisar em épocas distintas. Trata-se dos estudos das riquezas, da gramática geral, e da natureza elaborados na Idade Clássica (séculos XVII e XVIII). Ele aponta uma descontinuidade ou ruptura em cada uma delas e o nascimento de novos saberes na Idade Moderna, que se dá na virada do século XIX. O envelhecimento e o fim das condições de possibilidades das ciências das riquezas, as ciências naturais e da gramática geral se dão com o nascimento de outros saberes como a Biologia, a Economia, as Letras, e posteriormente as Ciências Humanas na qual se insere a Comunicação Social.

Foucault (1999) aponta para a mudança de natureza do pensamento tendo também como base três épocas distintas: a Renascença (séculos XV e XIV), a Idade Clássica e a Idade Moderna. A Idade Clássica tem como conceito determinante a ordem. Todos os pensamentos deveriam estar alinhados a ele. Nessa época somente o mundo das coisas extensas podiam ser medidas, classificadas, quantificadas, ordenadas e analisadas. O que se dava a conhecer não era a profundidade, o interior, e sim o exterior. Além disso, tratava-se de conhecer o mundo a partir da representação e por isso a verdade se alojava no mundo

⁷ Para o filósofo Michel Foucault (1999) o conhecimento, ciência ou pensamento vem a partir da invenção, é ficção.

⁸ Os estudos arqueológicos de Foucault apresentam as condições de possibilidade do saber e não a descrição do mesmo. Nessa perspectiva, afirma-se que o homem na cultura ocidental é uma criação recente, situando-se como figura de saberes antropológicos há cerca de 200 anos.

das representações. Pode-se dizer então que conhecer na idade clássica era ordenar por meio de imagens e representações. São nessas condições de possibilidade de pensamento universalista, generalista e homogêneo que foram construídas as Ciências das riquezas, da Gramática Geral e da Natureza.

Como se propusesse o oposto à epistémé Renascentista em que tudo era permitido, o cartesianismo não se propõe a interpretar, comparar, mas coloca como necessidade o discernimento, o ordenamento e de certa forma uma negação do suposto “caos” renascentista. Ao contrário da Renascença, que é marcada pela ausência de uma teoria e por um solo epistemológico próprio, como sugere o autor Alexandre Koyré (1982), a Idade Clássica é uma idade científica e a ciência para esse autor é essencialmente teoria, cuja finalidade é explicar o mundo e não transformá-lo. Pode-se afirmar, dentro dessa perspectiva, que na ruptura com o caos renascentista criou-se a possibilidade de se pensar a ordem.

Essa época não deixa de ter sua importância no sentido de que em um contraposto a idade Renascentista, ela organizou permitiu condições de possibilidade de pensamentos até então impossíveis como citados anteriormente: Gramática Geral, Ciências da Riqueza e Ciências da Natureza. Porém, essa atitude de dar ordem, de revelar analiticamente passou a ser um impedimento para condições de possibilidades de novos saberes e essa forma de conhecer foi colocada em questão, a partir da virada do século XIX, em que pensamentos, sequer, imaginados outrora se tornaram possíveis, como por exemplo: a criação da vida e não sua ativação, a abertura de cadáveres para proposição de novos objetos do pensamento da medicina, um novo olhar sobre a loucura.

É nesse contexto de construção do saber por meio de uma linguagem que constitui e não que representa é que a modernidade vai propor suas bases de pensamento. Assim para eles o que há na ordem do cartesianismo é pura ilusão marcada pela linguagem como meio ou instrumento que representa. Essa representação da verdade ou realidade, bem como essa ordenação que validou o saber na idade clássica serão considerados uma fragilidade por Merleau-Ponty (1973) e também poderá ser vista como uma ruptura com determinados pensamentos como indica Foucault (1999) e o nascimento e a construção de novos saberes como avalia Bachelard (1972).

A partir da ideia desses autores acerca da epistémé moderna é que pode se tornar possível pensar na busca de peculiaridades do saber das Ciências Humanas e em específico da Comunicação – Jornalismo, a fim de construir um saber próprio, com uma teoria que não somente relacione o homem a fatores externos, mas o homem como inerentemente comunicador, em que Comunicação não se separe do homem por meio da linguagem cartesiana tão ainda presente na atualidade, embora altamente criticada. Também como aponta Koyré (1991) sobre o período renascentista, talvez seja interessante para as Ciências Humanas e em especial à Comunicação Social-Jornalismo a leveza de se construir uma saber nessa área sem tantas amarras cartesianas e com a liberdade de criação apresentada na Renascença. Apesar da ausência da cientificidade própria do período renascentista Koyré (1982) explicita a riqueza dessa época em que a mística se liga à experiência interior. Acerca disso Alexandre Koyré (1991, p.52 apud TERNES, 2010, p.166) acrescenta que “sempre que uma coleção de fatos e uma acumulação do saber se fizerem suficientes, sempre que se pôde prescindir de teoria, o século XVI produziu coisas maravilhosas”.

REFERÊNCIAS

BACHELARD, G. **O novo espírito científico**. São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Os Pensadores)

FOUCAULT, Michel. **O nascimento da clínica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1994.

_____ **As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____ **A História da Loucura na Idade Clássica**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2003.

KOYRÈ, Alexandre. **Estudos de história do pensamento científico**. Rio de Janeiro: Ed. Forense Universitária; Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1982.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Ciências do Homem e fenomenologia**. São Paulo: Saraiva, 1973.

TERNES, José. “Alargar o Espírito, Tonificar a Alma”. In: BULCÃO, Marly, CESAR, Constança Marcondes (org.) **Perspectivas filosóficas de expressão francesa**. Rio de Janeiro: Booklink, 2007.

_____ **Michel Foucault e a Idade do Homem**. Goiânia: Ed. UCG: Ed. UFG, 2009.

_____ **Alexandre Koyrè e a Renascença**. In: SALOMAN, Marlon (org.). Goiânia: Almeida e Clément Edições, 2010.

_____ **Foucault e o nascimento das Ciências Humanas**. In: História Revista, 9 (2): 191-204, jul.dez. 2004.